



Fórum
Social
Mundial



um outro mundo é possível

Perdidos no Espaço no V Fórum Social Mundial 2005

Número 1 - Janeiro
Porto Alegre
Rio Grande do Sul
Brasil

Editorial

Ecótono é a zona de passagem de um bioma a outro; por ex., entre a floresta e o campo há uma zona de passagem: a mata de arbustos. Neste local, normalmente a diversidade de espécies é muito maior do que as espécies de cada bioma separadamente. É nesta zona de contato que as trocas e o embate entre espécies diferentes ocorrem na tentativa de partilhar o mesmo espaço. É da relação entre biomas e da adaptação a este local de contato que nasce o ecótono como interface entre as duas comunidades. A tendência ao aumento da diversidade e o aparecimento de organismos resultantes desta zona de passagem (e que só são encontrados aí) é chamada efeito de borda.¹

A crise dos indivíduos com os espaços manifesta-se nos mais diversos âmbitos e ocasiões. Porto Alegre pode fornecer vários exemplos sobre este tema. O centro da cidade abriga uma importante atividade comercial. Diariamente vemos também uma expansão dos comerciantes ambulantes, ditos informais, ocupando as calçadas das ruas centrais e movendo-se com grande rapidez. A loja que antes era um ponto fixo, passa a ser um lugar móvel. Podemos encontrar pessoas carregando manequins e comercializando óculos, pilhas, brinquedos, pentes, aparelhos eletrônicos e até roupas íntimas e jóias semi-preciosas. Aqui vemos que o corpo e suas extensões passam a ser a loja comercial. Esta ocupação móvel gera também um redesenho da ocupação do espaço público, extravasando e escoando o que antes era delimitado a uma área dada. "Assistir uma passeata insólita, reunindo um grupo expressivo de lojistas clamando a perda de sua clientela." Isto nos fez concluir que estamos vivenciando cada vez mais as coisas em movimento. Já não paramos e interrompemos uma coisa para fazer outra, mas enquanto caminhamos olhamos produtos, compramos e seguimos. Existe nesta atitude uma mudança acentuada da função dos espaços e do nosso emprego do tempo. As relações entre interior e exterior, público e privado encontram-se assim, sorratamente redimensionadas a cada momento. A rua é apropriada constantemente e transformada. Não é só o lugar de passagem, mas acolhe múltiplas funções e interesses. A rua reflete as crises

natureza morta e a um gourmet para tomar seu Chateau Latour 1953. Não estamos acostumados a pensar desse modo, tendo todas as possibilidades presentes e de maneira não hierarquizada, mas o intermedialista pensa assim o tempo todo. Contexto em vez de categoria. Fluxo em vez de obra de arte".²

Os trinta e cinco anos que nos separam da publicação deste texto e as tensões entre este espírito aberto à aventura e ao desfrute e a crescente apropriação desta energia artística pela indústria cultural (tudo pode ser consumido e virar mercadoria), mostram-nos uma outra face das trocas: sua face medíocre. O mundo com suas várias realidades chega até nós ininterruptamente aonde quer que estejamos. O ambiente passa a nos envolver de forma ostensiva gerando energias e zonas de resistência. Aparecem os *Efeitos de borda* - tema central de nossa participação no V Fórum Social Mundial. Nos espaços considerados públicos (coletivos) ocorrem muitos tipos de interações (não necessariamente conflituosas): há muita criatividade em sua ocupação, ligada a necessidades, à utilização de poucos recursos e de um modo que pareça sempre meio "de passagem" e não definitivo. A rua é um local de importantes e bem humoradas trocas, não somente de mercadorias, mas de idéias que, eventualmente, unem os diversos grupos sociais destes locais, seja na articulação de projetos ou de reivindicações coletivas. Por ex. o jornal *Boca de Rua*, que é um espaço de articulação entre jornalistas e moradores de rua, e que trabalha questões relativas à visibilidade destas tantas vivências dos indivíduos na cidade.³

Utilizando esta noção de efeito de borda para pensar nas relações entre diversos grupos sociais no espaço urbano, propomos apresentar várias percepções recortadas por estes tantos olhares. Os meninos de rua que realizaram a *Carta de Porto Alegre* nos apresentam uma cidade que pouco conhecemos; o vídeo que acompanha o trabalho dos garís permite-nos ter uma vaga idéia de como eles percebem os bairros que percorrem na coleta diária do que é descartado pela sociedade. Porém não é só a percepção do espaço e a relação de cada grupo individualmente que nos interessa, pois buscamos igualmente confrontar o que ocorre quando estes diversos grupos encontram-se e compartilham uma cidade.

Incluimos-nos no caldo de idéias do "Fórum Social Mundial" para revelar a poética e os aspectos críticos de nossas aventuras no espaço de Porto Alegre, com a de outros indivíduos do planeta. Com as intervenções artísticas no espaço urbano de Porto Alegre, a mostra de vídeos e o seminário *Efeitos de borda: subjetividades e espaço público*; as oficinas *Efeitos de borda: contatos e Fração Localizada: Dilúvio*, assim como através da produção de reflexões críticas de colaboradores veiculadas neste segundo número do *Jornal dos Perdidos no Espaço* (codinome mais do que apropriado a esta condição contemporânea deste grupo de indivíduos: artistas, pesquisadores, estudantes e simpatizantes encontrados pelo caminho e reunidos pelas ações e propostas do

pela grande responsabilidade assumida, assim como à hospitalidade do Memorial do Rio Grande do Sul que irá sediar a mostra de vídeos.

¹ Efeitos de Borda, conceito desenvolvido e utilizado na área da biologia pelo ecologista Eugene Odum, in: *Ecologia*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1988.

² Allan Kaprow. "A educação do A-Artista", in: *Malasartes*, nº3, Rio de Janeiro, 1976. Tradução da primeira parte de um artigo escrito em 1969 e publicado pela revista "Arte News", em fevereiro de 1971.

³ Boca de rua, jornal produzido em Porto Alegre por moradores de rua. O periódico proporciona uma alternativa concreta para essas pessoas pensarem a sua realidade e falarem sobre ela, ao mesmo tempo em que aprendem os processos que envolvem uma publicação, sob orientação de jornalistas da ONG ALICE: www.alice.org.br. Em agosto de 2003 iniciou-se o projeto do vídeo, tentando buscar na cidade as imagens essenciais, aquelas que enviadas a um estrangeiro pudessem transmitir o modo de vida dos moradores de rua. Ele não é, portanto, um vídeo sobre a vida na rua, mas um vídeo sobre a cidade olhada pelas pessoas que moram nas ruas.

Vera Lago / Mamute



A rua pesa. A cidade também aparece como produtora de inércias e lentidões. Entramos no seu avesso e esta passa a ser uma zona de distintas ocorrências. Bairros alterando-se de forma drástica pela ocupação, cedendo à pressão da especulação, revolteando modos de vida. São tantas as questões que expõem as incongruências dos indivíduos diante de seu ambiente.

A tomada de todos os espaços, inclusive o urbano, pela atividade artística é uma consequência direta destes novos tempos. Lembremos as palavras proféticas de Allan Kaprow, num texto de 1969 quando falava das virtudes da intermídia e das trocas: "O termo intermídia pressupõe uma fluidez e uma simultaneidade de desempenhos. Quando a arte é apenas uma das facetas que esta situação pode assumir, ela perde seu status privilegiado e se torna, por assim dizer, algo que vem escrito nas letras pequenas. A resposta intermedial, pode ser aplicada a qualquer coisa: um velho copo por exemplo. Ele pode servir a um geômetra para explicar as elipses, aos historiadores como indicador de tecnologia de uma época passada, a um pintor como modelo para uma

programa de extensão *Formas de Pensar a Escultura*, buscamos conversar sobre estas múltiplas implicações dos indivíduos com seus espaços.

Durante a semana do V FSM teremos a oportunidade de experienciar uma série de eventos relacionados às questões acima apontadas: **Vídeos** - abordam as diversas subjetividades de olhares, produzindo novas visões da cidade e de distintos contextos geográficos; **Textos críticos** - apresentam o ambiente construído como espaço de tensão, a gestão e os interesses difusos, entrevistas e relatos de artistas; **Experimentações** - pontuações dos espaços urbanos; **Inserções** - as diferentes mídias como meio de ações artísticas nos espaços de circulação, contaminando lugares da cidade de novos sentidos. Como estas tantas possibilidades de habitar o espaço podem redesenhar as práticas artísticas assim como ampliar nossa relação com o ambiente e com o outro?

Agradecemos aos que trabalharam nesta aventura coletiva, a todos os participantes, a ADUFRGS e ao programa de Pós-graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS

1ª ocorrência no dia 29 de setembro de 2003. Terminal Triângulo, Av. Assis Brasil com a Av. Baltazar de Oliveira Garcia, Porto Alegre, RS, Brasil.

Maria Ivone dos Santos / Porto Alegre
Artista plástica
Professora do DAV e no PPGAV
fpes@ufrgs.br

Hélio Ferverza / Porto Alegre
Artista plástico
Professor do DAV e Coordenador do PPGAV
helioiv@orion.ufrgs.br

Programa de Extensão: FPES/Perdidos no Espaço
www.ufrgs.br/artes/escultura/
Programa de Pós-graduação em Artes Visuais - PPGAV
Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Chamada pública aos ouvintes da Rádio Camaquense

Uma de minhas peças inclui a fotografia de um cachorrinho que apareceu diante de André Severo e de mim, enquanto camínávamos na praia do Mar Grosso, em São José do Norte. Era um dia cinzento de junho e o mar estava baixo. Não que estivesse calmo, ao contrário: quando dois pescadores puxaram sua rede, só o que encontraram foi um emaranhado contendo um pobre siri, triturado pela força incrível do mar do sul. A rede estava imprestável. Associamos esse momento a um poema que na época nem conhecíamos, mas que, quando chegou a nossas mãos, parecia escrito para o mar do sul, embora tenha sido composto para o Mar do Norte, por Jean Cocteau. Dizia assim: *Eu que adoro o sol como um selvagem/eu amei esse Mar do Norte/eu amei suas cidadezinhas feias/ e para amar coisas assim tão feias/ há que saber amá-las ternamente.* É possível que os litorâneos se ressintam com essa comparação, pois do Chui ao Cassino, ou do Norte a Mostardas, nosso litoral é impressionante e belo, não há dúvida. Porém, ao pensar nas casas do Hermenegildo, retorcidas pela fúria desse mar horizontal - ou no pobre siri triturado na rede - vem uma melancolia que apenas a visão de um cachorrinho branco, risonho na areia cinzenta, poderia amenizar. O retrato desse cachorrinho, do instante em que ele surgiu na imensidão da praia, está retido dentro da peça a que me referi. Quem a abrigar poderá, de vez em quando, observá-lo contra a areia cinzenta, como se materializou diante de nossos olhos um dia, no Mar Grosso de São José do Norte. Penso que, por suas características e peso, seria bonito instalar essa peça em um daqueles estabelecimentos que vemos na entrada de Camaquã. Interessados em acolher esse trabalho, por favor, entrem em contato com a Rádio Camaquense. Meu nome é Maria Helena Bernardes.

(Texto de divulgação para rádio e Internet, participante de *Linha Aberta Camaquã: trabalho falado e uma série de disposições*, realizado no Projeto Areal, em 2003. A peça *Objeto com Cachorro* foi acolhida pelo estabelecimento Borracharia do Derceu, situado na entrada de Camaquã, onde está disposta por tempo indeterminado.)

Maria Helena Bernardes / Porto Alegre
Artista Plástica
mhbernardes@cpovo.net

Foto: Luz Maria Bedoya

